



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA-PA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

ADÃO DE JESUS FARIAS LOBATO

**O MUNDO INFANTIL AMAZÔNICO DE CRIANÇAS HABITANTES DE
TERRITÓRIOS DE ÁGUAS: relações entre cultura e sociedade**

ABAETETUBA/PA

2024

ADÃO DE JESUS FARIAS LOBATO

**O MUNDO INFANTIL AMAZÔNICO DE CRIANÇAS HABITANTES DE
TERRITÓRIOS DE ÁGUAS: relações entre cultura e sociedade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge.

ABAETETUBA-PA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L796m Lobato, Adão de Jesus Farias.
O mundo infantil amazônico de crianças habitantes de
territórios de águas : relações entre cultura e sociedade / Adão de
Jesus Farias Lobato. — 2024.
iv, 17 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia,
Abaetetuba, 2024.

1. Crianças; Mundo infantil; Contexto ribeirinho. I. Título.

CDD 370.811

ADÃO DE JESUS FARIAS LOBATO

**O MUNDO INFANTIL AMAZÔNICO DE CRIANÇAS HABITANTES DE
TERRITÓRIOS DE ÁGUAS: relações entre cultura e sociedade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

Data de aprovação: 15/07/2024

Conceito: Excelente

Banca Examinadora

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge

Orientadora – UFPA

Profa. Dra. Andréa Souza de Alburquerque

Examinadora - IFPA

O mundo infantil amazônico de crianças habitantes de Territórios de águas: relações entre cultura e sociedade

Adão de Jesus Farias Lobato¹

Orientadora: Eliana Campos Pojo Toutonge²

Resumo: O artigo traz como discussão o mundo infantil amazônico ribeirinho, partindo da ideia da criança como um ser ativo e imerso na cultura e na sociedade. Como objetivo propõe-se refletir sobre possíveis significações do mundo infantil de crianças habitantes de território de águas. O estudo é de cunho bibliográfico a partir das autoras Carvalho (2010), Brandão (2019), Trindade (2020) e Pojo; Freitas (2022) e, com base na experiência do autor principal, ser habitante da comunidade do rio Médio Tucumanduba, localizada no município de Abaetetuba/PA, e sempre em diálogo com as crianças em suas infâncias. Como resultado, podemos afirmar que o mundo infantil amazônico se encontra vivo e de autoria das crianças, sendo gestado a partir de relações que circundam o brincar, os afazeres e vivências em contato com a natureza amazônica, assim vão sendo constituídos seus processos identitários de tornar-se cidadão, beira-rio ou ribeirinho.

Palavras-chave: Crianças; Mundo infantil; Contexto ribeirinho.

Introdução

Da infância, podemos dizer que trata de um tempo vida, e nesse sentido para capturar o mundo da criança é “fundamental ouvir os ditos e os não ditos; escutar os silêncios” (Silva; Barbosa; Kramer, 2005, p. 48). No estudo, não foi possível adensar esse ato narrativo de escutas junto das crianças, nos detemos em observações da experiência de habitante desse contexto e com base nos estudos de pesquisadores que foram/trazem em suas produções, significações desse processo.

No caso do estudo, refletir sobre o mundo infantil amazônico de crianças habitantes de territórios de águas como parte de cotidianos vividos com peculiaridades provenientes do seu local de morada, no conjunto de saberes, valores, práticas mitos, lendas etc.

O estudo de Trindade (2019) ao identificar sentidos sobre as infâncias das crianças amazônicas, constata que as mesmas estão imersas em atividades cotidianas, tendo o ambiente natural como elemento marcante em suas vidas, permeadas por aspectos universais e singulares. Suas vozes se entrecruzam com as vozes que vem das florestas, dos quintais e do rio, integrando uma dada cultura amazônica proveniente de sua comunidade.

Outra pesquisa, evocando este assunto de Pojo *et al.* (2023, p. 1051) sinaliza que, “Discutir sobre a criança e o bem viver de suas infâncias se configura relevante diante dos

¹ Graduando da Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. E-mail: adaodejesusfl@gmail.com

² Doutora em Ciências Sociais. Docente da UFPA, Campus Universitário de Abaetetuba (PA).

desafios de pesquisadores/as e educadores/as da contemporaneidade, em especial os/as envolvidos com a educação e/ou escola de Educação Infantil do/no Campo”. No estudo manter viva a cultura ribeirinha por crianças tem sentido patrimonial de comunidades cercadas pelas águas, portanto, precisa ser colocado no currículo escolar das escolas ribeirinhas. Nesse sentido, também, alguns estudiosos das infâncias e, destas, na Amazônia (Carvalho, 2010; Brandão 2019; Trindade 2020; Pojo e Freitas, 2022) apontam para a importância de os educadores estabelecerem relações entre o currículo, a escola e a vida de comunidade, em especial quanto ao processo de ensino-aprendizagem, a transmissão dos saberes e os conhecimentos destes povos.

O estudo tratando do mundo infantil amazônico em contexto ribeirinho, tem sentido político e acadêmico. Político, porque toca nas relações sociais e culturais presentes nessa sociedade, em que pese a invisibilidade do saber e das vozes das crianças, portanto, trazer para discussão o cenário de suas vidas tem relevância ímpar. Acadêmico, na medida em que o autor principal, nasceu e foi criado na comunidade ribeirinha do rio Médio Tucumanduba, município de Abaetetuba. Logo, escrever sobre a realidade das crianças em suas infâncias amazônicas remeteu a memória infantil bastante familiar com as trazidas pelas crianças de hoje no contexto referido e que foram retratadas pelos autores mencionados no texto. Em suma, o trabalho busca evidenciar as crianças amazônicas, do grupo étnico ribeirinho.

Podemos afirmar que o estudo poderá contribuir no arcabouço científico de pesquisas relacionadas as crianças e suas infâncias, em especial, as que habitam em contextos de águas do bioma amazônico, esclarecendo e evidenciando significações do mundo infantil em território ribeirinho, em interface as relações criança, cultura e sociedade.

Ainda, convém dizer que a temática teve início como atividade de trabalho de curso realizado na disciplina de Fundamentos Teóricos Metodológicos da Educação Infantil pela orientadora, em que houve a oportunidade de estabelecer contato com crianças. Foi um momento de aprender um pouco mais do mundo infantil em contexto amazônico, derivando na seguinte questão problema que norteou essa investigação: Com base em estudos teóricos e por pesquisadores amazônidas, como se apresenta o mundo infantil das crianças habitantes de território de águas?

Assim, são objetivos deste trabalho. Geral: refletir sobre o mundo infantil de crianças amazônicas habitantes de território de águas. Específico: Mapear as significações do mundo infantil de crianças em contexto ribeirinho, na perspectiva de relações criança, cultura e sociedade.

A temática estudada é bem próxima da pedagogia, devido a aproximação com as crianças que vivem nos diversos contextos, logo pressupõe a compreensão dos seus mundos infantis. Como futuro profissional pedagogo, aprender sobre como se dão as relações das crianças pode ser útil para pensar/propor ao ensino-aprendizagem das mesmas. Como educador, escolho o engajamento nos estudos sobre as crianças de comunidades ribeirinhas amazônicas, incorporando outras análises focada nas crianças de territórios das águas.

O presente artigo, consta de Introdução, somado a uma contextualização referente as crianças e suas infâncias em contexto ribeirinho. Ainda, uma incipiente discussão sobre o mundo infantil amazônico a partir de relações entre criança, cultura e sociedade. E as considerações finais.

Pressupostos teóricos metodológicos

O estudo situa-se na pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico. O estudo dentro da pesquisa bibliográfica, segundo Marconi e Lakatos (2017, p. 52) “é um tipo específico de produção científica: é feita com base em textos, com livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos”. Em detrimento da base das produções científicas que sustentam a pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador faça uma compilação do arcabouço de informações existentes a respeito daquilo que deseja pesquisar, se validando de conceitos já existentes e sempre buscando vislumbrar novas possibilidades. As fontes principais do estudo, foram obtidas através do Google Acadêmico e dos textos disponibilizados na disciplina mencionada, prosseguindo a leitura e a compilação dos mesmos, com especial atenção as conceituações e afirmações sobre as infâncias amazônicas e as relações das crianças com o território ribeirinho, em seguida, foi a vez de fazer os fichamentos. A tarefa que se sucedeu foi ler dois artigos para compreender a estrutura da produção e por fim, deu-se início a escrita do artigo.

Assim, foram alvo de estudo as obras de Carvalho (2010), Brandão (2019), Trindade (2020) e Pojo; Freitas (2022) entre outras que tratam das crianças e de infâncias.

Concomitante ao estudo teórico, foi utilizado a experiência de vida em comunidade ribeirinha, que aqui e ali, estabeleço relações com as crianças. Tais excertos de vida me ajudaram na análise, somado aos estudos destacados.

Precisamente, o rio Tucumanduba conta com duas comunidades, o Médio e o Baixo Tucumanduba, e ambas comunidades os moradores são, em sua maioria, pescadores e lavradores/agricultores, sendo intenso os plantios e cultivos do açaí, além da cana de açúcar e, mais recente o plantio de cacau. Na comunidade do Médio Tucumanduba tem uma escola que

atende o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, este último sob a forma do Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME). No quesito infantil, minhas relações com as crianças são traduzidas pelas brincadeiras, banhos nos rios, passeios de canoa, jogos de bola, e nesse entremeio diversão e observação da vida cotidiana presencio crianças em afazeres domésticos e outras atividades como a apanhação do açaí. No entanto, prepondera os encontros das crianças, adolescentes, jovens e adultos no campo de futebol.

Crianças e suas infâncias em contextos ribeirinhos

Este item trata das crianças e suas infâncias em contextos ribeirinhos, com base em pesquisas de autores que discutem esse tema, quais sejam: o artigo intitulado Saberes do Cotidiano da Educação Ribeirinha (Carvalho, 2010); a Dissertação de Priscila Brandão (2019) que analisa o brincar e a cultura infantil a partir de narrativas de sujeitos ribeirinhos e a Tese sobre o Cotidiano da Criança Ribeirinha da Comunidade de Bom Socorro do Zé Açu-Parintins-AM, de Trindade (2020). Além dos autores, é feita interface com alguns aspectos referente ao contexto de crianças, habitantes da região do Baixo Tocantins, em específico o município de Abaetetuba, sob o olhar das crianças do rio Tucumanduba.

A escolha dos autores foi devido a aproximação com o tema em estudo, evidenciando pesquisas em comunidades distintas e produções científicas plurais (artigo, dissertação e tese). A interface entre as discussões das autoras e as crianças do Baixo Tocantins esteve presente, pois as vivências das crianças se assemelham e se distanciam com as que moram no município de Abaetetuba.

Estes estudos se organizam com base em indagações das autoras, no âmbito das crianças que vivem em contextos ribeirinhos específicos, precisamente nas comunidades Castanhal do Mari-Mari e Caruaru, localizadas na Ilha do Mosqueiro (Carvalho, 2010); Arraiol, localizada no Arquipélago do Bailique (Brandão, 2019) e Bom Socorro do Zé Açu, em Parintins-AM Trindade (2020).

A pesquisa de Carvalho (2010) teve como objetivo, “analisar os saberes que emergem e são vivenciados pela criança ribeirinha a partir da sua relação com a natureza, ou seja, com seu meio circundante” (Carvalho, 2010, p. 33). Brandão (2019), em sua dissertação estuda o brincar e a cultura infantil, cuja investigação ocorreu na comunidade de Arraiol, no Arquipélago do Bailique-AM. Teve como objetivo “compreender os saberes culturais do brincar como um elemento de mediação por meio das narrativas dos moradores no que tange aos conhecimentos construídos historicamente, para entender como a criança constrói seu próprio conhecimento social e cultural” (Carvalho, 2010, p. 16). E a tese de Trindade (2020, p. 14) analisa o cotidiano

da criança em território ribeirinho de Bom Socorro do Zé Açú. Apesar de destacar a ligação da criança com o rio, descrevendo que “Ao nascer, as crianças interagem com rio: logo aprendem a remar, se equilibrar na canoa, tomar banho no rio e aceitar a realidade fluvial de enchentes e vazantes”, assim como fez Carvalho (2010) e Brandão (2019), a autora menciona, contrariando as expectativas de uma comunidade ribeirinha, que o rio não se apresenta como espaço de intensas atividades lúdicas.

Tomando esses estudos, o intento é trazer a vivência das crianças e suas infâncias em contexto ribeirinho a partir da contextualidade amazônica da cidade de Abaetetuba, pois trata de um viver imbricado na cultura local em sua peculiaridade, observando nexos e interlocuções com as autoras mencionadas.

Carvalho (2010) apresenta o contexto da infância das crianças em território ribeirinho a partir das relações do brincar, em um ambiente cercado por rios e pelos verdes das florestas, propiciando aprendizagens delas com a natureza. Nas palavras da autora:

[...] é neste ambiente, que ela dá vazão a sua criatividade criando seus brinquedos, descobrindo nas árvores, nas águas dos rios, nas folhas e nas sementes, nos galhos, nos cipós, nos frutos verdes, nas pedras, objetos que passam a ganhar vida e identidade em suas brincadeiras (Carvalho, 2010, p. 34).

Conforme a autora, o brincar nas águas dos rios acontece com frequência bem como um tipo de ludicidade. O rio e a criança se relacionam, tanto que ao descrever o rio Carvalho (2010, p. 35) relata que: “É na fluidez das águas do rio, que elas compartilham suas brincadeiras, que vivenciam suas experiências e constroem novos conhecimentos, brincar nas águas do rio faz parte, da realidade cotidiana das crianças ribeirinhas”. Assim, a autora atribui as águas uma contribuição material e espiritual para a vida das crianças, neste caso, sob a forma de mitos e lendas proveniente deste ambiente, além de outros aspectos.

Dos verdes das florestas sobressai a flora e fauna, tornando esse ambiente permeado pela vida que cruza águas e matas. Sob o olhar de Carvalho (2010), as crianças são atravessadas pelos cantos dos pássaros, somado as suas vozes, gritos e risadas. Brincam nas águas dos rios, que para a população ribeirinha representa lugar de trabalho, sobrevivência e de lazer. Outrossim, os seus saberes brotam da mata e do rio, as histórias que as crianças contam estão no cotidiano de seus tios e vizinhos, pescadores, caçadores e são traduções do vivido no cotidiano.

Nesses termos, a identidade ribeirinha é outro fator presente nas argumentações de Carvalho (2010), sendo tessituras com os saberes e práticas vividas no território e que compõe o processo identitário infantil. Para a autora, “Na mata o caminhar das crianças, é o de quem sabe onde está pisando, e como deve pisar, de quem conhece cada pedaço daquele chão, é a

convivência homem elemento da natureza” (Carvalho, 2010, p. 37), assim, elas são conhecedoras das plantas, raízes e formas curativas. Ou seja, as crianças sabem dizer dessas coisas de forma simples, da maneira que a percebem, fruto de seu inter-relacionamento com a natureza associada a condição lúdica. Assim, de forma sensível, estética e ética, a criança se apropria da natureza amazônica.

Como síntese é possível dizer que segundo Carvalho (2010) as relações que envolvem as crianças e suas infâncias em contexto ribeirinho, afirmam a cumplicidade com os espaços do rio e da mata, com o imaginário e a ludicidade coadunada por este ambiente natural, logo, a infância das crianças também é interligada com a natureza do território, em completude.

E, tomando o contexto vivido pelas crianças do Baixo Tocantins onde também sou morador, especificamente em Abaetetuba, cidade espalhada por forte singularidade ribeirinha ditada por suas, aproximadamente, 72 ilhas, as quais possuem rios e florestas, praias e adjacentes de águas, pontes e mitos, a descrição de Carvalho é bastante aproximada, embora com certeza haja distinções. Se aproxima dos usos do ambiente natural para os aprendizados e as práticas lúdicas. Distinta, porque em Abaetetuba em cada comunidade são distintas formas de lidar com o rio e existem territórios de águas específicos, tendo como exemplo o rio Tucumanduba. Nesse rio, são muitos igarapés cercados de matas, em determinado tempo do dia só é possível adentrar em áreas mais distantes da comunidade com a maré cheia, no caso, para se chegar a alguns roçados e açaçais, distantes das margens dos rios.

Ainda, nessa comunidade que fica nesse rio, há momentos que o rio seca bastante, é uma ocasião em que nas beiradas vemos os lanceadores³, denominação oriunda do movimento de lançar a rede ao rio-mar. O rio Tucumanduba é caminho/rota de entrada e saída para chegar à cidade de Abaetetuba, por isso, vemos constantemente muitos barcos circulando, e quando a água está cheia. E, na maré seca, pode acontecer de em alguns lugares as embarcações grandes ficarem encalhadas, fato que de vez em quando acontece. Como acontece nessa região, o rio Tucumanduba, também é útil a subsistência das pessoas, estrada de águas, espaço de lazer e comércio, portanto, encontra-se embebido de significações simbólicas vindas do fundo das águas, como sabemos das histórias do boto, da uiara das beiras dos igarapés e da presença de não humanos que vivem no rio e na mata. Ainda, nesse rio, encontra-se presente narrativas de moradores mais antigos, e com sentido também de amedrontar as crianças ainda hoje. Essa longa descrição sobre aspectos da territorialidade que se passa no rio Tucumanduba reafirma as

³ Ou, pescadores, a caça do camarão e outros mariscos nas margens dos rios.

múltiplas vidas, saberes, ancestralidades, distinções que existem nos territórios de águas. Abaixo, o mapa do referido rio:

Figura 1 – Rio Médio Tucumanduba



Fonte: Google Maps (2024).

Seguindo com os estudos das autoras, notamos que igualmente ao estudo de Carvalho (2010), Brandão (2019), também afirma que o território ribeirinho onde realizou sua pesquisa proporciona às crianças relações direta com os rios, animais, florestas, propiciando-lhes elementos para a criatividade, e as crianças constroem “[...] seus próprios brinquedos, jogos e brincadeiras, a partir de galhos, caroços, cipós, folhas, frutos e diversos outros materiais encontrados naquele território” (Brandão, 2019, p. 16).

A cultura lúdica presente nesse contexto, segundo a pesquisadora é permeada por ações e expressões que viabilizam o processo lúdico e de mundo das crianças. “As brincadeiras das crianças ribeirinhas expressam suas culturas particulares, seus costumes, seus modos de vida, sendo a natureza a principal fonte lúdica para essas crianças” (Brandão, 2019, p. 70).

Ainda assim, no seu estudo sobre o brincar em contexto ribeirinho, a autora constatou a predominância dos brinquedos industriais proveniente de uma cultura hegemônica. Embora, em muitas comunidades ribeirinhas esteja presente a utilização de brinquedos manuais. Este fato nos conduz a pensar no quanto é global a cultura hegemônica, chegando às infâncias das crianças desses contextos. Dessa forma, a identidade ribeirinha como qualquer tipo de identidade é movediça, em transformação o tempo todo, assim podemos afirmar que essa identidade ainda persiste como a de povo tradicional. Em Abaetetuba, também se observa tais situações vividas pelas crianças, e nesse sentido décadas atrás as crianças produziam suas pipas e com materiais da natureza como as talas do jupatizeiro⁴ e com as sacolas que já chegavam

⁴ Uma palmeira típica da região amazônica, também utilizada para confecção do matapi.

vindas da área urbana. Atualmente, o que vemos são crianças comprando pipas feitas com talas fibrosas, e plástico com desenhos impressos. Ainda, os jogos eletrônicos bem como o acesso a programas de televisão e nos celulares estão presentes na diversão, ocasionando a diminuição da brincadeira livre e nos espaços abertos.

Outro aspecto notado na pesquisa de Brandão (2019) é a relação criança e trabalho. Para ela, aspectos do trabalho estão presentes na vida das crianças, pois é presente as ajudas naquilo que podem, os maiores ajudam os pais nos afazeres da roça e na pesca, e nos trabalhos domésticos. Enquanto que, os menores, não tem atribuições envolvendo o trabalho.

Nos escritos de Brandão (2019) o contexto das crianças de sua pesquisa é cercado por saberes folclóricos e populares que são preservados no contexto ribeirinho do local e que as crianças vão conhecendo, por isso foi evidenciado que as brincadeiras permeiam essas crenças, mitos, lendas e costumes. O ato do brincar segundo Brandão (2019) ganha destaque, assim como em Carvalho (2010), sendo validado nesta experiência a aprendizagem da cultura, em circunstâncias sociais de desafios e soluções.

Como já dito as crianças possuem formas próprias de ver o mundo, de se relacionarem entre si e com os adultos, criam e recriam as situações do seu meio. Nesse sentido, Brandão (2019) relata em sua pesquisa, que as reuniões em grupos feitas pelas crianças criam momentos lúdicos e de interação, um espaço com um misto de autonomia, interatividade, dinamismo e aprendizado. Acontece de elas passarem de “[...] casa em casa, recolhendo umas às outras, procuram um lugar calmo onde possam contar histórias, lendas, conversar sobre seu dia a dia, contar suas tristezas, problemas, alegrias, novidades e, sobretudo, brincar” (Brandão, 2019, p. 131).

Para esta autora, os adultos que participaram da pesquisa evidenciaram o brincar das crianças como presente no cotidiano e que leva a aprendizagem e ao desenvolvimento físico e mental. O brincar, possui a dimensão de interação “[...] com as pessoas ou com os artefatos da cultura, mediadas pelo ato de correr, pular, dançar, subir, descer, remar, nadar, ou de imaginar, dialogar, criar, experienciar e criar situações as quais possibilitem seu aprendizado em diversos âmbitos” (Brandão, 2019, p. 161).

Mais uma vez, os estudos de Brandão (2019) e de Carvalho (2010) enfatizam um mesmo aspecto, ressaltam a importância de trabalhar nas escolas o repasse de valores culturais e costumes presentes nas comunidades ribeirinhas. Para isso, os educadores precisam resgatar essa relação homem e natureza, de extrema importância para a vida no planeta terra.

A investigação de Trindade (2020) parte de perguntas como: o que é ser criança? O que é ser criança em uma comunidade ribeirinha? sendo indagações desafiadoras no ato de

pesquisar com as crianças. Fica nítido que na comunidade Bom Socorro do Zé Açu, também o dia a dia das crianças é marcado pela estreita relação das pessoas com a natureza. Assim, “além do brincar, outras situações comuns as crianças da comunidade do Zé Açu é viverem suas experiências de trabalho com seus pais, com quem aprendem a pescar, a extrair os frutos da natureza, a plantar e a colher, a cuidar da casa e da família” (Trindade, 2020, p. 28-29). Tais contatos com os espaços, pessoas e a natureza é uma oportunidade de compartilhamento e de aprendizados, como também foi evidenciado pelas outras autoras Brandão (2019) e Carvalho, (2010). Na visão dessa autora, as crianças representaram não somente as brincadeiras preferidas, mas sim também os afazeres, os espaços ocupados, a relação com a natureza e as lendas, informaram acerca da relação com os adultos e as outras crianças, demonstrando o contexto social geográfico que vivem. Por isso, igualmente ao cenário amazônico paraense, no Amazonas o ambiente também é:

[...] cercado de rios e muito verde, a criança aprende a se relacionar com a natureza, dando vazão à sua criatividade, criando e confeccionando seus brinquedos, descobrindo nas árvores, águas dos rios, folhas, sementes e pedras, galhos, cipós e frutos verdes, objetos que ganham vida e identidade (Trindade, 2020, p. 75).

Nos trabalhos analisados a ligação com a natureza pelas crianças acontece no cotidiano da vida, talvez por isso, as autoras estudadas, escrevem em suas narrativas, situando a criança e a natureza inseparáveis, que vivem uma relação simbiótica, uma complementariedade entre pessoas e a natureza.

Algo distinto nos trabalhos é a relação com o trabalho, embora não problematizado densamente aqui. No caso de Trindade (2020, p. 86), afirma que:

o trabalho infantil se entrelaça ao estudo e ao brincar, sendo impossível diferenciar o brincar do aprender a trabalhar. O trabalho não é criminalizado, já que não é entendido como exploração infantil, pois a criança aprende o que a família deve ensinar, conforme hábitos e costumes.

Tal perspectiva evoca o caráter socializador. No entanto, alerta a autora “Existe uma grande chance de a exploração do trabalho infantil ser confundido com a dimensão socializadora das atividades que as crianças realizam com seus pais, caindo no fosso da ilegalidade” (Trindade, 2020, p. 104).

No município de Abaetetuba essa questão do trabalho pelas crianças de comunidades ribeirinhas também existe e é controversa, igualmente posto por Trindade (2020). Elas acompanham as suas famílias em atividades domésticas, as de mais idade cuidam dos mais novos e até em atividades de subsistência familiar como apanhar açaí. Elas debulham e juntam os caroços de açaí que cai no chão, por vezes se arriscam subindo nos açaizeiros para o consumo familiar, e outras acompanham na comercialização até a cidade.

Com base na leitura cuidadosa dos textos, podemos afirmar que as crianças e suas infâncias estão presente nas comunidades ribeirinhas que foram alvo dos estudos das autoras, com semelhanças e distinções. Suas narrativas dizem de infâncias sendo processadas em contato com os rios e a floresta, crianças ricas de saberes da mata e das águas, entendendo e explicando as coisas de forma simples como compreendem. São crianças que usam do ambiente natural para práticas lúdicas, porque possuem um vínculo com a natureza do local.

Carvalho (2010) não discute o trabalho (afazeres) em nenhuma perspectiva, socializadora ou exploratória. Trindade (2020) discute o trabalho como matriz socializadora, mas alerta em relação ao fosso da ilegalidade, que pode estar presente, enquanto Brandão (2019) discute em uma perspectiva socializadora tão somente.

Outro argumento que ganha densidade na discussão, diz respeito a presença da cultura hegemônica, Brandão (2019) afirma o avanço da mesma nos mundos infantis de crianças ribeirinhas, enquanto que Carvalho (2010) enfatiza as brincadeiras ocidentais ainda que brevemente. Trindade (2020) não tece considerações a respeito.

As pontuações das autoras se aproximam do que vemos das crianças do rio Tucumanduba, quanto ao contato com as águas, dessa vivência tem propriedade com o nado, a ludicidade situa-se com os banhos de rio, o ir e vir em vias aquáticas etc. Também, na terra as crianças se entrelaçam nos quintais, com as árvores e coisas da natureza. Na comunidade do rio Tucumanduba a principal via para se locomover é pelo rio e igarapé.

Sobre o mundo infantil amazônico e algumas relações entre criança, cultura e sociedade

Utilizando as mesmas obras, mais o artigo de Pojo; Freitas (2022) que trata das crianças e a natureza em contextos rurais amazônicos, a tentativa nesse item é caracterizar o mundo infantil amazônico, na perspectiva do território de águas, conhecido como ribeirinho.

O artigo de Pojo; Freitas (2022) traz como cenário ribeirinho o município de Abaetetuba, em que as autoras discutem “as práticas sociais das crianças que residem em áreas rurais de Abaetetuba-PA, em seus encontros com a natureza, ou seja, significou adentrar nos saberes da cultura rural amazônica sob a ótica das crianças” (Pojo; Freitas, 2022, p. 03).

A perspectiva de mundo infantil amazônico, trata-se das relações pertencentes as vidas das crianças, que no contexto amazônico como já bem esclarecido no texto, existe uma concreta ligação com a natureza, com a cultura local, com as raízes afro-amazônidas vista no ambiente social de cada comunidade ribeirinha. E as crianças com um mundo infantil próprio se faz presente na Amazônia, desde o suor do seu corpo, o correr entre as árvores, os mergulhos em águas de rios, até o estabelecimento de relações com o processo de subsistência de suas famílias.

Dessas formas, as crianças participam e produzem o mundo infantil amazônico atualmente em vigor, e sob diferentes modos nos territórios de águas. De outra forma,

É importante ressaltar que esses sujeitos vivenciam um determinado cotidiano amazônico, interagem e recriam-se com e na cultura local; ligam-se constantemente com o mundo natural dos lugares, tornando, assim, parte de suas rotinas e de seus aprendizados e, à medida que se socializam nessa dinâmica sociocultural regional, computam e percebem o mundo em meio a experiências, interações e relações com a natureza do lugar (Pojo; Freitas, 2022, p. 03).

Tal discussão nos instiga tratar da cultura, ainda que de modo bastante resumido. A cultura evoca definições diferentes, mas no geral “representam um conjunto de costumes, práticas, modos de vida que caracterizam um corpo social” (Brandão, 2019, p. 22). No caso, tratamos no estudo da cultura local (ribeirinha), e sobre está de modo resumido, cabe pontuar que comporta cruzamentos étnicos, geracionais, territoriais.

Nessas localidades, aspectos culturais e étnicos descendem de indígenas, de negros, de caboclos da Amazônia e dos que aqui foram chegando, e a organização social se deu, entre outras coisas, por caminhos nas matas em busca de riquezas naturais e, com frequência, tiveram que usar os rios como parada e travessia. Vilas, vilarejos e povoados foram surgindo, usando os rios como fontes vivas e ciclos sociais de aprendizados sedimentados em modos culturais e com as tradições que os envolviam; isto posto, foi se criando uma certa dinâmica que constitui uma certa identidade nativa (Pojo *et al.*, 2021, p. 38).

Em continuidade, consideramos a pergunta: que mundo infantil amazônico são discutidos nos trabalhos e suas possíveis relações com a criança, a cultura e a sociedade? Pojo; Freitas (2022) apontam essa categoria mundo infantil amazônico pela valorização do território e pela produção das crianças, portanto, são crianças amazônidas produzindo também esta sociedade. Nas palavras das autoras:

[...] há uma atitude prospectiva de reinvenção dos conteúdos culturais existentes no lugar através de seus brincar e de outras experiências e, ao mesmo tempo, seus valores do conviver, suas tradições ricas de simbologias amazônicas convertem-se em processos educativos no ordinário da vida (Pojo; Freitas, 2022, p. 01).

Entendemos que a valorização do território presente no ordinário da vida ribeirinha, acentua o potencial originário da construção ancestral, sociocultural do ambiente amazônico, e que chega ao mundo das crianças em suas infâncias, dado seus movimentos e vivências sensoriais diversas no/do território ribeirinho pois elas “no cotidiano de suas famílias, desde a mais tenra idade, ingressam nas margens intrincadas de furos e de igarapés, das matas, dos quintais e dos caminhos, espaços, esses, palcos do brincar-aprender na natureza do lugar” (Pojo; Freitas, 2022, p. 09).

Estas experiências das crianças em contextos de águas, também ganha destaque com Brandão (2019), a qual reforça a natureza como fonte lúdica para as crianças em contextos ribeirinhos como mencionamos, logo também converge para a ideia do amazônico no sentido

das culturas que nos antecederam, indígena, quilombola e outros povos tradicionais. Tais descendências “se constitui como elemento essencial na cultura da Região Amazônica, na contemplação dos costumes típicos de um povo que vive à margem dos rios e da floresta e mantém uma relação íntima com a natureza” (Brandão, 2019, p. 89).

Em Brandão o mundo infantil amazônico, encontra-se descrito de forma genérica evidenciada a luz de outros teóricos (Lima, 2004; Cruz 2006; Teixeira, 2013; Cardoso e Cardoso e Hage, 2013). Ainda, essa categoria como espaço de vivência transparece no cenário do mundo infantil.

Igualmente, acontece com o estudo de Trindade (2020), que também identifica que “Cada comunidade ribeirinha compartilha traços culturais genéricos, mas também evidencia sua própria identidade cultural, já que alguns costumes são pertinentes só a determinadas comunidades” (Trindade, 2020, p. 77). Esta relação pode ser vista quando a autora destaca o período de seca em que estava o rio no momento de sua pesquisa, tornando-o pouco chamativo para a ludicidade das crianças. Enquanto, na cidade da pesquisa de Pojo; Freitas (2022), o movimento das marés é diário, enchente e vazante, com períodos de lançante em determinadas épocas do ano, como no inverno amazônico, mas também, acontece em menor frequência no verão. E, em Brandão (2019) salienta que em Arraiol nos períodos de maré altas as águas dos rios ficam com gosto salgada em detrimento da proximidade com o oceano atlântico. Estes aspectos interferem no modo de viver das crianças e na forma como elas se apropriam acerca do local em que está inserida.

Pojo; Freitas (2022, p. 19), descrevem que: “[...] os ‘mundos’ infantis são experienciados nos quintais das propriedades dos seus responsáveis, que se configuram espaços representativos do mundo amazônico na ilharga das residências e de fácil acesso”. Esse mundo ainda, é composto por situações dolorosas:

[...] situações de violação pelas quais passam, de modo geral, as crianças amazônicas, que têm seus direitos, por diversas vezes, negligenciados, ou seja, eles e elas carregam, em suas vidas, a imbricação natureza-criança em toda sua diversidade amazônica, e, por outro lado, as contrariedades que as impedem de viverem, plenamente, suas infâncias, e com dignidade (Pojo; Freitas 2022, p. 10).

Novamente, Pojo; Freitas (2022), asseveram que esse mundo infantil amazônico abarca controvérsias da sociedade, da cultura e do contexto local em que se insere. A vasta área territorial, da vazão a uma extensão de realidades socioculturais, somando a situações de conflitos de terra e de água, de propriedade e políticas públicas (a maioria, ausentes), resultando em descasos com as infâncias amazônicas, logo, são desafios presentes no mundo infantil. Segundo as autoras, na região tocantina, “[...] presenciavam-se situações de crianças em condições

de trabalho infantil, de uma infância marcada pela pobreza, de baixo rendimento escolar, de famílias que sobrevivem basicamente da renda do Bolsa Família” (Pojo; Freitas, 2022, p. 10).

Para Brandão (2019) e Trindade (2020), no mundo infantil as crianças experienciam relações de trabalho, porém “nunca deixando de lado, a profissão principal da criança, o brincar” (Brandão, 2019, p. 102), embora com a ressalva advertida por Trindade (2020) acerca do caráter socializador pontuado acima, e afirma “as atividades de pertencimento e iniciação à vida adulta das crianças das comunidades ribeirinhas esbarram na legislação de proibição ao trabalho infantil, fragilizando e confundindo o sistema de garantias de direitos”.

Então, com base nesses extratos do mundo infantil percebidos nas pesquisas das autoras, podemos afirmar que a relação criança, cultura e sociedade consta nos respectivos trabalhos. São destacadas, relações culturais de uma comunidade expressa por meio dos brincares e de outras experiências; nas relações entre as crianças e o trabalho, sendo alertado o aspecto socializador ou, por vezes, de violação da criança (Trindade, 2020). Ou seja, são adversidades e uma diversidade de relações, de crianças, de contextos territoriais, de infâncias que tecendo a ideia de mundo infantil amazônico.

Situar esses trabalhos, envolvendo a vida concreta da criança beira d’água nos levou a pensar quão complexa é a Amazônia ou Amazônias e o mundo infantil contido presente nela, pois são diversos campos como da educação escolar, da religião, da saúde, das simbologias amazônicas, que compõe esse mundo infantil amazônico, situando e identificando as comunidades em suas peculiaridades e aspectos que circundam a produção de vida das populações que formam as Amazônias.

Assim, as crianças em suas infâncias vão construindo formas diversas de viver em sociedade. Elas aprendem fora e na escola, elas participam de escutas e da construção dos espaços em que vivem, desde o lidar com as plantas, os pássaros, com as marés e os rios, a vida da roça e da pesca, com os animais do quintal e das matas etc. Ao mesmo tempo, convivem com forte presença das relações urbanas, digitais, mesclando com o que o estudo de Carvalho (2010) traz, uma infância em simbiose com a natureza.

Podemos dizer, que o mundo infantil amazônico em contextos ribeirinhos, se constrói em estreita relação com a cultura das águas, se cruza, portanto, com a sociedade, conforme sinalizam as autoras estudadas (Pojo e Freitas, 2022; Brandão, 2019; Trindade, 2020), quando ressaltam a insistência de que as crianças aprendam conhecimentos próprios e da vida local, como os movimentos das águas, os saberes das matas, as relações com humanos e não humanos. Outrossim, pode ser considerando um levante da nossa ancestralidade em relações sociais atuais.

Percebemos que as crianças do rio Tucumanduba, são ativas na sociedade, e se embrenham na cultura como descrito ao longo do texto. Melhor, vivem seus mundos, pela cultura. Porque, se antes a criança queria aprender a remar, hoje ela quer aprender a dirigir a rabeta, se antes as crianças invadiam os quintais para brincar de polícia e ladrão, hoje elas brincam disse e, também, jogam em celulares. E o que fazer? Equilibrar. Educar. Politizar, desde a Amazônia e desde as crianças.

As autoras estudadas tratam de um mundo infantil amazônico de caráter lúdico e imbricado por interações e relações com a natureza do lugar, fazendo com que se perceba os territórios em produções das crianças. Sendo assim, as infâncias no mundo infantil amazônico ainda se afetam junto d'água, na terra, floresta, quintais e árvores, banhos de chuva e de rio, em suma, seus corpos tornam-se instrumentos de brincadeiras e acrobacias, sem contar no território de águas cujos espaços por entre as pontes, as rabetas, canoas em pesca e pipa empinadas nos trapiches e embarcada compõe o cenário desse amazônico mundo infantil de crianças, habitantes de contextos ribeirinhos.

Nas águas, cascos, rabetas e as crianças dão circularidade aos rios e igarapés, porque para as crianças não é só remar o casco, significa também brincar de quem rema mais rápido se desafiando em inúmeras travessias nas margens. Fora da água, os quintais ganham vida e costumeiramente vemos brincando de casinhas, de pira-pega entre outras. Pisar na terra, é outra ação de corpos livres aprendendo a liberdade com a mãe terra, e assim as crianças estão em meio as plantações, animais domésticos, no manejo e cultivo do açaí, cana de açúcar, mandioca; são habilidosos na arte de subir e descer em jambeiros e mangueiras, de pontes e trapiches, de embarcações. Assim, vão construindo suas vidas como gente das águas ou populações ribeirinhas.

Como acontece nos contextos analisados, no rio Tucumanduba também as crianças refletem relações provenientes do contato com a natureza e com a cultura das águas, sob diversas formas. Constituindo assim, relações culturais e sociais genéricas e singulares, presente no rio Tucumanduba e nesse vasto mundo infantil amazônico ribeirinho.

Considerações finais

O estudo de cunho teórico, buscou refletir sobre possíveis significações do mundo infantil amazônica de crianças habitantes de território de águas, com base nas relações criança, cultura e sociedade.

De modo geral, podemos afirmar que a criança amazônica tece seu mundo infantil em relação direta com a natureza do lugar, e especialmente as que vivem em contexto ribeirinho

mostram a potência de ser criança como sujeito ativo e amante da natureza das águas. Sua preferência são os banhos de rio, o brincar pira n'água, passear de canoa, pilotar rabeta. Novamente, o cenário do rio Tucumanduba, para dizer que as crianças de lá em companhia dos responsáveis costumam colocar matapis nas beiras dos rios e igarapés, costumam ir com os pais para os campos de futebol e se reúnem ao redor do campo em momento de gratuidade infantil (Brandão, 2015), com travessuras tipo corridas e subidas nas árvores. O banho de rio é um dos mais aguardados pelas crianças, e em tempo de férias é comum ver as crianças em seus cascos e rabetas correndo/circulando com pipas. Estas são algumas das situações corriqueiras que acontece no dia a dia das crianças desse rio.

Ou seja, crianças beira-rio também estão ligadas com a natureza e de forma simples, explicam as coisas de rio, a linguagem da mata, das águas; criam e repetem brincadeiras e fazeres entre outras experiências alimentadas pela diversidade da região amazônica. Tais processos são atravessados pela cultura com costumes, linguagens, saberes, modos de vida ribeirinha. Suas infâncias refletem os papéis sociais e as atividades desempenhadas pelos adultos, como apanhar açaí, a pesca ou do nado.

Nesses termos, neste trabalho nos atemos as crianças como sujeitos imersos na cultura e na sociedade, assim suas vidas são relacionais e no seu espaço-tempo vão tecendo significados de sua comunidade por meio de brincadeiras, brinquedos e relações com o trabalho. Brandão (2019, p. 38), compreende a cultura infantil como “elemento socialmente produzido pela criança com base em tudo o que a cerca, principalmente em seu ato de brincar. Neste processo, a criança estabelece relações, seja com os adultos, com outras crianças ou com os elementos materiais pertencentes ao seu meio social”.

Cabe destacar que mesmo a pesquisa de Carvalho (2010), assim como as das demais autoras tenham ocorrido em diferentes comunidades, ambas apontam a forte presença da natureza na vida das crianças, apresentando peculiaridades dos contextos ribeirinhos, como na pesquisa de Trindade (2020) em que a comunidade de Bom Socorro de Zé Açu apresenta aspectos urbanos em sua cotidianidade. Na comunidade de Arraiol local da pesquisa de Brandão (2019), preservam de forma intensa o seu tradicional cultural, logo, as crianças são menos influenciadas pela cultura hegemônica, embora também esteja marginal na sociedade.

Foi observado também que as discussões acerca do trabalho infantil nos contextos analisados, é um assunto delicado e apontado para ser aprofundado, principalmente, no sentido da violação dos direitos das crianças, devido subtrair viverem as suas infâncias plenamente.

Ficou nítido nos estudos a importância das culturas infantis amazônicas e, em especial a vida das crianças habitantes de águas, com forte relação com a natureza, o que é potencial e

precisa ser valorizado por todos, família, escola e a sociedade, porque significa a preservação desse ambiente amazônico sendo aprendido desde tenra idade, e seja divulgado para crianças de outros lugares.

Este trabalho traz de forma breve algumas das significações do mundo infantil amazônico de crianças, habitantes de territórios de águas, desde uma conjugação pesquisa bibliográfica e considerações da realidade vivida pelo próprio autor. Apresenta como limitação a ausência de dados empíricos que poderiam enriquecer a discussão. Ainda, como pauta posterior, considero a importância de pesquisas sobre relações de trabalho vivido por crianças em seus mundos infantis amazônicos (ribeirinhos).

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Rodrigues Carlos. Olhar o mundo e ver a criança: Ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculo de cultura. **Crítica educativa**. Sorocaba/SP, Vol.1, n.1, jan./jun. 2015a. p.108-132.

BRANDÃO, Priscilla Pantoja do Nascimento. **Saberes Culturais Ribeirinhos: o brincar e a cultura infantil a partir das narrativas dos moradores da comunidade de Arraiol-Arquipélago do Bailique/AP**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2019. Disponível em: https://www2.unifap.br/ppged/files/2019/10/dissertac%CC%A7a%CC%83o-final_priscillabrandao.pdf. Acesso em: 18 de maio. 2024.

CARVALHO, Nazaré Cristina. Saberes do cotidiano da criança ribeirinha. **Revista Cocar**, v. 4, n. 8, p. 33-38, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/50>. Acesso em 24 de maio. 2024.

POJO, Eliana Campos Toutonge; FREITAS, Maria Natalina Mendes. As Crianças e a Natureza em Contextos Rurais Amazônicos. **Revista Exitus**, Santarém, Vol. 12, p. 01 - 25, 2022. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/1693>. Acesso em: 24 de maio. 2024.

POJO, Eliana Campos Toutonge; FREITAS, Maria Natalina Mendes; DOS SANTOS, Maria Walburga. Educação do/no campo: experiências multiterritoriais e as especificidades das infâncias. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 17, n. 39, p. 1047-1066, set./dez. 2023

MARCONI, Marina de Andrade LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017

POJO, Eliana Campos Toutonge; ALVES, Eliene da Silva; FREITAS, Maria Natalina Mendes. **Água na Amazônia paraense: território educativo de crianças**. Ed. dos altores. Manaus, 2021.

TRINDADE, Marileia Pereira. **Representações sociais sobre crianças e infâncias em teses e dissertações da Amazônia**. 2019. Tese (Doutorado em Educação, Cultura e sociedade) – faculdade em educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

TRINDADE, Patrícia dos Santos. **O cotidiano da criança ribeirinha da comunidade de Bom Socorro do Zé Açu–Parintins/AM**. 2020. Tese (Doutorado em Infância, Juventude e Educação) – Faculdade de educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.
Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/18575>. Acesso em: 6 de jun. 2024.